



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DÉBORA JULIANA EVANGELISTA DE SOUZA**

**OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR (A) NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM TURMAS DE  
EJA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
AGOSTO/2018**

**DÉBORA JULIANA EVANGELISTA DE SOUZA**

**OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR (A) NA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM TURMAS DE  
EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Carlos do vale

**CAMPINA GRANDE – PB**

**AGOSTO/2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719d Souza, Debora Juliana Evangelista de.  
Os Desafios de ser professor(a) na educação de jovens e adultos [manuscrito] : reflexões a partir da experiência em turmas de EJA / Debora Juliana Evangelista de Souza. - 2018.  
25 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale, Departamento de Educação - CEDUC."  
1. Educação - jovem e adulto. 2. EJA. 3. Formação de Professor. 4. Escolarização . I. Título  
21. ed. CDD 370.71

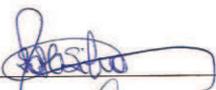
# DÉBORA JULIANA EVANGELISTA DE SOUZA

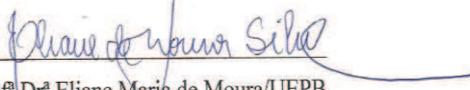
## OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR (A) NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM TURMAS DE EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento às exigências para obtenção do  
grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 21/08/2018.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Elizabete Carlos do Vale/UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva/UEPB  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eliane Marja de Moura/UEPB  
Examinadora

Este trabalho é dedicado à minha mãe pelo incentivo e amor, aos homens da minha vida: meu marido pela ajuda e compreensão e a meu filho que apesar da pouca idade sempre me passou o sentimento de amor, carinho e o sorriso cedido a cada dia que passei trabalhando na construção de mais uma etapa da minha vida. A vocês que são meu porto seguro, meus amores, minha existência, minha vida, **DEDICO.**

Débora Juliana

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela saúde e força para enfrentar as diversas barreiras existentes por todo o caminho.

A minha orientadora, Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale pela paciência e dedicação ao me conduzir na conquista desta etapa da minha vida. Obrigada por toda a atenção e conhecimento que me cedeu neste período.

A todos os professores do curso, que contribuíram para minha formação e incentivaram nessa caminhada, ampliando os conhecimentos adquiridos em sala, em especial a Prof. Dr. Valdecy Margarida da Silva que me apoiou em um dos momentos que mais precisei dando-me força e determinação para prosseguir.

As minhas colegas de turma com quem convivi durante o período do curso, em especial a minha querida e estimada amiga Ana Maria por quem passei a ter um enorme carinho e admiração. Obrigada, amiga por todas as palavras de incentivo e carinho.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram na conclusão de mais esta etapa da minha vida e que mesmo não citados não deixam de merecer meu agradecimento.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: IMPORTÂNCIA E ESPECIFICIDADES.....</b>	<b>8</b>
<b>3. OS DESAFIOS INERENTES ÀS PRÁTICAS DE EJA.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1. SER PROFESSORA NA EJA: reflexões sobre a prática.....</b>	<b>19</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## **OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR (A) NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM TURMAS DE EJA.**

**SOUZA, Débora Juliana Evangelista de<sup>1</sup>.**

### **RESUMO**

Considerar as especificidades e diversidades dos sujeitos/alunos da EJA é de fundamental importância para pensar propostas curriculares para a EJA, bem como para a formação inicial e continuada de professores que atuam ou atuarão nessa modalidade de ensino. Partindo dessa problemática acima citada e, especialmente a partir da minha experiência na EJA, busco no presente trabalho refletir sobre os desafios de ser professora nessa modalidade de ensino, bem como a importância de se pensar sobre a especificidade do currículo da EJA e de se pensar processos formativos para professores que atuam nessa modalidade de ensino. Para fundamentação do trabalho, busquei aporte teórico de autores que discutem sobre a temática como: Freire (1994, 2000), Di Pierro e Galvão (2012), Paiva (1997), Oliveira (2007), Soares (2002), entre outros. Tal trabalho ajudou-me a refletir sobre o que foi minha experiência como professora na EJA, bem como sobre os desafios que os professores que atuam nessa modalidade de ensino enfrentam nas suas práticas pedagógicas.

**Palavras chaves:** Educação de Jovens e Adultos. Especificidades da EJA. Formação de Professor.

### **1. INTRODUÇÃO**

O referente trabalho decorre da minha experiência docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), porém, antes de falar sobre minha experiência, gostaria de dizer como me tornei professora da EJA. No ano de 2011 cursava o último ano do curso do magistério da Escola Normal Padre Emídio Viana Correia, Campina Grande/PB. Neste mesmo ano ingressei no curso de pedagogia da UEPB, período em que fui chamada pela secretaria de educação do município de Esperança para trabalhar com turmas do Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Ficava sob-responsabilidade do professor de EJA formar as turmas que deveriam contar com pelo menos 25 alunos. Uma das primeiras ações do professor seria a de sair de casa em casa informando sobre o programa, falando da importância de retornar a escola e perguntando quem gostaria de realizar a matrícula. Muitos reagem negativamente afirmando que não tinham mais

---

<sup>1</sup> Aluna concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: deborajuliana92@gmail.com

“cabeça” para isso, que fazia vergonha ir à escola depois de velho, outros diziam que o programa só servia pra dá dinheiro aos professores. Outros, felizmente reagiram de forma positiva e assumiram o desafio de voltar à escola.

Foi assim que formei minha primeira turma de EJA na Escola de Ensino Fundamental Severino Alves Barbosa na comunidade de Lagoa de Pedra, município de Esperança. Vale salientar que as aulas não aconteciam na escola, pois a mesma era um pouco distante das casas da maioria dos alunos e como ultimamente a violência e os roubos tem sido constante na zona rural, a turma optou por assistir as aulas numa residência (desocupada) próxima às casas da maioria dos alunos. Nos anos de 2012 e 2013 continuei com a mesma turma, com exceção de alguns que desistiram pelo caminho e com acréscimo de outros que chegaram.

Desse modo, Nesse curto período de experiência docente na EJA pude constatar que o perfil dos sujeitos que retornam a processos de escolarização via EJA é bastante diverso, assim como as motivações que impulsionam o retorno a escola, entretanto, a maioria volta à escola com propósitos que convergem entre si, tais como: resgate da autoestima, muitos afirmam que retornaram à escola para, pelo menos aprender a fazer o nome próprio, pois acham muito vergonhoso colocar sua digital, que eles chamam de “colocar o dedo”, quando é solicitada a sua assinatura. Outros falam que retornaram à escola para se “distrair, passar o tempo”, principalmente os idosos. Melhorar a condição de vida a partir da possibilidade de inserção no mercado de trabalho, para isto, entendem que é imprescindível melhorar seu nível de escolaridade. Estes acreditam o poder de transformação que o estudo pode proporcionar na vida de um sujeito.

Entretanto, mesmo com as motivações e desejos que os impulsionam voltar à escola, grande parte desses sujeitos terminam por “desistir” e “abandonar” as aulas de EJA. Assim, algumas situações observadas no cotidiano da escola que atuei são muito preocupantes, tais como: reiteradas faltas e gradativa desistência dos alunos. Esses problemas dificultam o processo de aprendizagem e terminam por desmotivar e gerar o abandono e fracasso escolar. A escola parece perder o sentido da função que deveria desempenhar para estes alunos. A partir dessa perspectiva nos questionamos: O que esta representa para jovens e adultos o retorno a escola? Como a escola poderá ser mais atrativa para os jovens e adultos que tentam retomar processos de escolarização, de

modo a atender as demandas e motivações desses sujeitos? Quais os principais desafios e problemas que os professores que atuam na EJA precisam superar?

Vivemos num mundo tido como moderno/tecnológico e letrado, no qual tudo acontece muito depressa, se renova constantemente, novas ideias, projetos e exigências surgem há todo momento. Evidentemente, mais do que nunca o estudo, a formação e o aperfeiçoamento são chaves fundamentais para acompanhar essa evolução do mundo moderno. No entanto, muitos sofrem por não estarem preparados pra enfrentar as cobranças e exigências que lhe são impostas para se obter os mesmos direitos que os demais têm.

Partindo dessa problemática acima citada e, especialmente a partir da minha experiência na EJA, busco no presente trabalho refletir sobre os desafios de ser professora nessa modalidade de ensino, bem como a importância de se pensar sobre a especificidade do currículo da EJA e de se pensar processos formativos para professores que atuam nessa modalidade de ensino.

## **2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: IMPORTÂNCIA E ESPECIFICIDADES**

A necessidade de erradicar o analfabetismo no Brasil é consenso em todo discurso que atrela educação e desenvolvimento nacional, em qualquer esfera da sociedade. Está presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei n, 9.394/96) e no Plano Nacional de Educação. Entretanto, na prática continua o imenso desafio de transformar intenções em ações políticas concretas.

Variadas fontes apontam os poucos progressos obtidos no Brasil nos últimos anos em termos de cobertura e atendimento à demanda por escolarização de jovens e adultos excluídos do mundo letrado. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, o Brasil possuía 14,1 milhões de pessoas não alfabetizadas com 15 anos ou mais de idade, o que corresponde a 9,7% da população nesta faixa etária. 52 milhões de pessoas com 15 anos ou mais sem Ensino Fundamental e 22 milhões de pessoas com 18 anos ou mais sem Ensino Médio, segundo dados da PNAD.

Vale lembrar que Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), incorporou como princípio que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu

preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF. Art. 205), compreendo que a Educação de Jovens e Adultos, modalidade estratégica para a garantia de uma igualdade de acesso à educação como direito, deve ser considerada à luz de tal princípio constitucional (SILVA,).

A EJA passou por um grande e demorado processo histórico político até se tornar obrigatória e gratuita, através da Nova Constituição Federal de 1988, que pela primeira vez na história da educação brasileira consagrou a obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental para todos os brasileiros, transformando-a em “direito público subjetivo”. Está posto no Art.208 da Constituição que é dever do Estado assegurar, inclusive sua oferta gratuita, para todos os que não tiveram acesso ao ensino fundamental na idade certa. Desta forma, a Constituição amplia o dever do Estado para com todos aqueles que não têm a escolaridade básica, independente da idade, colocando a educação de adultos no mesmo patamar da educação infantil.

E assim como está posto na Constituição Federal que assegura aos cidadãos brasileiros a educação como direito público subjetivo, independente da idade, a LDB garante a necessária flexibilidade para organizar o ensino de acordo com as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos (DI PIERRO, 2005, p. 24). Assim, a EJA enquanto modalidade de ensino é definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96. Até então, a EJA era vista, como suplência.

A promulgação da LDB nº 9.394/96 trouxe um grande avanço para a educação de jovens e adultos, ao considerá-la como uma modalidade da educação básica, nas etapas do ensino fundamental e médio. São as especificidades próprias das pessoas jovens, adultas e idosas, no que se refere ao desenvolvimento e aprendizagem que são reconhecidas e com elas a necessidade da escola pensar e construir estratégias próprias para o trabalho com este público (SOUZA, GONÇALVES, CUNHA JR, s/d).

Entretanto, conforme destaca Haddad (2007) na prática há uma negação pela ausência de políticas públicas concretas para essa modalidade educativa. É preciso que se implante uma política nacional para EJA, “de um sistema nacional articulado de atendimento que permita que todos os cidadãos e cidadãs, acima de 14 anos, possam, pela escolarização, enfrentar os desafios de uma sociedade como a brasileira” (HADDAD, 2007, p. 197).

A Conferência Mundial, realizada em Jomtien - Tailândia, em 1990, sobre Educação para Todos, referenda a educação de jovens e adultos numa perspectiva de

educação permanente, definida pela capacidade de satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de cada pessoa (TORRES, 1996). A V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA), realizada em Hamburgo – Alemanha, em 1997, ratificou a educação de adultos como um direito e um dever por parte da sociedade como um todo, compreendendo os vários processos formais e informais de aprendizagem e de educação continuada ao longo da vida.

Portanto, a partir da V CONFINTEA foi reconhecida a educação de jovens e adultos como uma área fundamental para a vida de sujeitos de uma sociedade contemporânea. Sendo assim, um processo contínuo, permanente e considerado não só como um direito, mas também uma “um grande suporte para o século XXI”. Pois, o ensino proporcionaria aos jovens e adultos o enriquecimento intelectual e cultural, contudo, se tornariam sujeitos mais capacitados para o trabalho. A Declaração dessa Conferência determinou a Educação de Jovens e Adultos como:

O conjunto de processos de aprendizagem, formais ou não, graças aos quais as pessoas cujo entorno social considera que os adultos desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas e profissionais ou as reorientam a fim de atender as suas necessidades e as da sociedade. (In: DI PIERRO, 2003, p. 5).

Diante do que foi proposto a partir da V Conferência, a EJA é compreendida como um processo que atua em duas dimensões: a da educação continuada, pela lógica da necessidade de que temos que aprender por toda a vida, a aprendizagem é constante, e também como um dos principais meios para que jovens e adultos possam alcançar uma melhor qualidade de vida, de cidadania e de participação efetiva na sociedade moderna. A escolarização é a outra dimensão, sendo essa vista como a importância fundamental, “pelo reconhecimento da melhoria que a condição da vida cidadã passa quando os sujeitos dispõem do aprendizado da leitura e da escrita, formando leitores e escritores dos textos que produzem em suas passagens pelo mundo” (PAIVA, 2009, p. 180).

Em 2000 foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a EJA, através do Parecer 11/2000 do Conselho Nacional da Educação (CNE) e da Câmara da Educação Básica (CEB), relatado por Carlos Roberto Jamil Cury, que entre outros aspectos, visam normatizar a educação de pessoas jovens e adultas, definindo diretrizes nacionais que devem obrigatoriamente, ser observadas na oferta da EJA, nas

etapas fundamental e média, em instituições que integrem a organização da educação nacional, considerando o caráter próprio desta modalidade de educação. Reconhece-se no Parecer, a EJA como uma dívida social e a necessidade de investimento pedagógico nesta modalidade de Ensino.

No Parecer são estabelecidos os conceitos e funções da EJA apontando para a existência, no Brasil, de uma dualidade, e caracteriza a separação entre os alfabetizados/analfabetos, letrados/iletrados como se constituíssem um “[...] novo divisor entre cidadãos” (BRASIL, 2000, p. 28). No que se refere as funções da EJA são definidas as funções reparadora, equalizadora e qualificadora. A função reparadora é justificada, pelo alto número de analfabetos existente no Brasil. Neste momento a igualdade perante a lei, ponto de chegada da função reparadora, se torna um novo ponto de partida para a igualdade de oportunidades. Ou seja, é a função preponderante da EJA para aqueles que retornam a escola depois de anos de “abandono” ou até mesmo para aqueles que a procuram pela primeira vez.

Sabemos que a leitura e a escrita são bens relevantes, de valor prático e simbólico, o não acesso a graus elevados de letramento é particularmente danoso para a conquista de uma cidadania plena. Entretanto, o fato dos sujeitos tidos como analfabetos, semialfabetizados ou até mesmo como iletrados, não significa que são destituídos de conhecimentos e cultura, visto que tais sujeitos que conviveram e convivem dentro de uma rica pluralidade cultural. Sobre esse aspecto a professora Magda Soares (1998) afirma que:

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (...) se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em um lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita (soares, 1998, P. 24).

Portanto, a função reparadora da EJA visa à garantia do direito a educação negada ao longo da história, ao mesmo tempo, como uma oportunidade concreta de presença de jovens, adultos e idosos na escola. Para tanto, é preciso pensar a EJA como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens, adultos.

A função equalizadora está relacionada diretamente a reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas. Ou seja, define-se como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas da sociedade de modo geral e da escola de modo particular.

A função qualificadora da EJA aponta para a necessidade de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida. De acordo com o que é definido no Parecer 11/2000, mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA, é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade. Neste sentido, a educação de adultos torna-se mais que um direito, é também a chave para o século XXI, é pensar no exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Ela possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, possibilitar um nível técnico e profissional mais qualificado.

A educação entendida como uma chave indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea e cada vez mais isso se confirma nestes tempos de grandes mudanças e inovações nos processos produtivos. Mais especificamente, a EJA representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas, de todas as idades. Nela, adolescentes, jovens, adultos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso às novas áreas do trabalho e da cultura.

### **3. OS DESAFIOS INERENTES ÀS PRÁTICAS DE EJA**

Durante minha experiência como professora alfabetizadora da EJA pude constatar que o processo ensino-aprendizagem vivenciado nessa modalidade educativa é algo extremamente complexo, visto que além dos problemas de ordem político-estrutural, comum à EJA, os de ordem pedagógica, como diversidade e especificidade dos sujeitos, evasão, ausência de proposta curricular específica e material didático, entre outros, desafiam o professor em sua prática cotidiana. Para Lopes (2005), a especificidade da atividade do professor de EJA está na capacidade de ele reconhecer no aluno um trabalhador que necessita apropriar-se de saberes socialmente construídos. É preciso que o professor da EJA entenda que seus alunos, ao retornarem à escola, trazem

consigo uma bagagem de conhecimentos frutos da sua experiência vivida. Neste sentido, é imprescindível que o educador de EJA compreenda a EJA como um direito que foi negado a cidadãos excluídos socialmente.

Esse aspecto remete a necessidade de pensar num currículo que atenda às necessidades de trabalhadores-estudantes, detentores de saberes construídos na e pela experiência de trabalho, ou seja, reconhecer os “saberes construídos socialmente pelos alunos, embora não se trate de saberes escolares” (LOPES, 2005, p.85).

Muitos professores da EJA ainda se sentem deslocados e confusos quanto ao seu papel de educador de indivíduos que já veem com muitos saberes, interesses e perspectivas diferentes, entretanto, muitas vezes, por falta de uma formação adequada e de material didático direcionado a esse público, o professor termina por infantilizar o aluno da EJA. Para Oliveira (2007), um dos principais problemas encontrados na Educação de Jovens e Adultos é a infantilização dos discentes, em que:

Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professorado e com a infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereceriam maior atenção, são muitos (OLIVEIRA, 2007, p. 88).

É preciso considerar que a realidade desses sujeitos é espaço de construção de saberes que precisam ser considerados no processo ensino-aprendizagem. São jovens e adultos que carregam consigo um conhecimento da realidade proveniente de sua experiência de vida. Como afirma Oliveira (2001, p. 18), o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Com larga trajetória, traz consigo, experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre outras pessoas. Para Freire (2000, p.112), o “homem mantém relações permanentes com mundo” e é por meio dessas relações que se dão os atos de criação e recriação, pois, como afirma Freire (Idem): “Independente de ser ou não alfabetizado, a relação do homem com a realidade gera conhecimento”.

Portanto, podemos afirmar que o aluno da EJA chega à escola com saberes socialmente construídos na prática comunitária e no trabalho e de modo geral tem expectativas de aprendizagem relacionadas às necessidades do cotidiano. Contudo,

somente tendo base do conhecimento dessa realidade que se pode tornar possível o conhecimento da mesma e repensar o currículo da EJA. Para Soares (2001, p. 216), “O conhecimento que se vai tendo dessa realidade subsidia o repensar do currículo, uma das possibilidades de concretização dessas necessidades, exigências, interesses, expectativas e desejos no cotidiano das experiências de EJA”.

Quando interrogados quanto ao que almejam aprender na escola, os adultos e respondem sem dúvidas e com espontaneidade que: “querem aprender a ler e escrever”. Porém, nós, como educadores da EJA, temos que entender que não basta apenas aprender ler e escrever, é preciso apropriar-se da leitura e da escrita, explorando sua função social, inclusive e logicamente no mundo do trabalho. Para tanto, é preciso que o educador se empenhe na tarefa de fazer acontecer. Para isso se faz necessário o envolvimento e compromisso no ensino-aprendizagem com o intuito de tonar conhecimento da realidade, necessidades, expectativas e experiências dos seus alunos, como já foi mencionado. Trata-se de compreender que realidade precisa ser transformada, para então identificar que aprendizagens se fazem necessárias para que essa transformação, processualmente, aconteça por inteiro.

Outra questão que pude observar na minha sala de aula que é marcante na vida dos adultos e analfabetos, é o fato de sofrerem preconceito. Já não lhes bastava ter que enfrentar as inúmeras perdas, desafios e lutas pela condição de analfabeto, ainda são vítimas de olhares e tratamentos de desprezo e descaso. Muitos dizem sentir vergonha de não saberem ao menos assinar o próprio nome. Diante de alguns relatos, pude constatar que a maioria carrega consigo um sentimento de culpa e vergonha, colocando o fato de serem analfabetos como experiência individual de desvio ou fracasso, que não foram capazes de prosseguir nos estudos ou ainda que foram condicionados a um caminho o qual não tiveram direito de escolha e que hoje provoca repetidas situações de discriminação e humilhação, vividas com grande sofrimento.

Sobre essa problemática, Jacques e Casagrande (2017) se reportam a Galvão e Di Pierro (2012), que destacam que a palavra analfabeto na sociedade contemporânea, na maioria das vezes, é carregada de significados negativos, ressaltando, inclusive, que as relações sociais, de modo geral, são permeadas por preconceitos, pré-julgamentos e por estigmas.

Os sucessivos constrangimentos e experiências de discriminação levam à corrosão da auto-estima dos indivíduos, que acabam

assumindo a identidade deteriorada e assimilando ao próprio discurso as metáforas depreciativas formuladas pelas elites letradas e difundidas pelos meios de comunicação social, [...] dentre as quais a mais recorrente é aquela que identifica o analfabetismo à “escuridão” da “cegueira”, o analfabeto “cego”, e a alfabetização à redentora “retirada da venda dos olhos” e saída das trevas da ignorância (GALVÃO; DI PIERRO, 2012, p. 24).

Portanto, fica claro que os jovens e adultos ao retornarem a escola buscam entre outras coisas, tentar recuperar um pouco do “tempo perdido” em termos de conhecimentos escolares, visto que, percebem que a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, especialmente, dos mais jovens, exige a melhoria do nível de escolaridade. Por outro lado, buscam também superar constrangimentos sofridos ao longo da vida pela condição de analfabetos, veem o domínio do código escrito como um resgate da autoestima, especialmente, os mais. Durante os três anos que fui professora na EJA pude observar que os alunos, geralmente, apresentam uma autoestima baixa e apresentam certa insegurança no momento da aprendizagem, pois muitas vezes se autodefinem como incapazes de aprender. E é pensando nas necessidades e buscas que os educandos da EJA almejam alcançar, que é preciso definir as ações da EJA a partir dessas especificidades.

Nesse universo cultural, a sala de aula torna-se um desafio para o educador, pois, na maioria das vezes, focamos a nossa prática na visão de que nosso “fazer pedagógico”, tem que ser voltado, pensado na homogeneidade desse grupo, nos baseamos num currículo elaborado e pensado no todo, sem levar em conta as especificidades de cada aluno, que é uma peça de fundamental importância para se obter êxito e ao mesmo tempo atender às necessidades e expectativas de cada um.

A diversidade cultural trazida pelos alunos deve ser uma das portas para a integração de conhecimentos oferecidos pela escola. Para a elaboração do currículo direcionado para EJA é preciso que se estabeleça um fator de enriquecimento no processo cognitivo. Uma educação de qualidade deve ser focada no reconhecimento das reais necessidades de seus alunos, sua historicidade, o contexto em que se encontra e os objetivos almejados por eles.

Muitos dos que retornam à escola o fazem com o propósito de melhorar e aperfeiçoar seus conhecimentos pensando no mundo do trabalho, conforme afirmado anteriormente. Em se tratando das turmas em que lecionei, posso afirmar que havia esse tipo de interesse, porém, não era o fator determinante do retorno à escola da maioria dos

meus alunos. Grande parte acredito, que por serem adultos e idosos, afirmavam que estavam em busca de novos conhecimentos sim, mas principalmente de aperfeiçoar o que sabem e os que nunca haviam frequentado a escola anteriormente, falavam do interesse de aprender a fazer seu nome, para não “passar vergonha na frente dos outros”.

Em se tratando daqueles que estavam retornando à escola que buscavam melhoria no nível de escolaridade, um certificado de pelo menos conclusão do ensino fundamental, para assim poder procurar uma condição melhor de trabalho e remuneração salarial era colocado como elemento central. Com as exigências que o mercado de trabalho impõe, vivemos um momento de competitividade, na qual a qualificação profissional e maior nível de escolarização são ferramentas fundamentais para uma maior possibilidade de ingresso no mercado de trabalho ou melhoria da condição de trabalho. Tais sujeitos buscam na educação a ferramenta para vencer suas dificuldades e necessidades, e, mais que isso, através dela, o seu lugar no mercado de trabalho.

Esses aspectos demonstram que a EJA tem como característica central a heterogeneidade de sujeitos e a diversidade de motivações que impulsionam o retorno a escola, Tais aspectos apresentam-se como um enorme desafio a ser enfrentado pelo professor. Porém, apesar dessa interrupção, desejam retornar a escolarização. Quando voltam à escola, trazem consigo um conjunto de saberes do senso comum, não só pela vida comunitária e familiar, mas pelo ambiente de trabalho que alguns vivenciaram ou ainda vivenciam.

Com base nessa realidade, que tive a oportunidade de vivenciar na sala de aula com meus alunos tais desafios que terminam por dificultar a ação pedagógica, principalmente no que se refere a definição e organização dos conteúdos a serem trabalhados. Sobre esse aspecto nos reportamos a Oliveira (2004) quando afirma que:

Um dos principais problemas que se apresenta ao trabalho na EJA refere-se ao fato de que, não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos de abordagem dos mesmos segue as desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professor e com a infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que merecem maior atenção (OLIVEIRA, 2004, p. 105).

Outro aspecto importante a ser considerado nas práticas de EJA relaciona-se a dimensão cultural. Nossa identidade é formada a partir dos grupos sociais a que

pertencemos que por sua vez é resultado de um conjunto de diferentes culturas que faz com que os sujeitos tenham concepções e visões de mundo diferente, a depender da realidade em que vive. Diante dessa afirmação, podemos perceber o quão é importante se pensar na heterogeneidade da EJA. Com meus alunos pude constatar que isso realmente é fato marcante nessa modalidade de ensino. Cada um com sua visão de mundo, com suas certezas e incertezas, com conclusões formadas e alicerçadas na perspectiva de aprendizagem e conhecimentos que lhes formam passadas e adquiridas ao longo da vida. Para Moreira (1999):

Quer rejeitamos ou aceitamos a diferença, quer pretendemos incorporá-la á cultura hegemônica, quer defendemos a preservação de seus aspectos originais, quer procuremos desafiar as relações de poder que a organizam, em hipótese alguma, negá-la. Ela estará presente em todos os cenários sociais, empobrecendo-os e renovando-os, segundo outros. Em síntese, vivemos em um mundo inescapavelmente multicultural (MOREIRA, 1999, p. 84).

Sabemos que o ato de ensinar-aprender se dar na troca de conhecimentos, aprendizagens adquiridas, vivenciadas, transformadas em novos conhecimentos. Diante da experiência que pude vivenciar na sala de aula, constatei o quanto é valioso e proveitoso à troca de conhecimento que proporciona uma relação de interação com o meio e com o objeto. E essa interação é fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Devemos entender que nesse processo não é só o aluno que aprende, o professor aprende junto com o aluno.

O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objetivo cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado (FREIRE, 1994, p. 118).

Para que a construção do conhecimento seja efetivada, é preciso que o que é apresentado na aula tenha significado, para que a partir daí, os alunos possam repensar as noções preconcebidas e reconstruir novos saberes com base naquilo que já teve oportunidade de aprender. Na minha sala de aula, percebi o quanto é importante que aluno da EJA encontre na escola um espaço onde possa refletir sobre suas experiências de vida, as coisas do senso comum e as teorias oferecidas pela escola, para criar uma

visão crítica desses conteúdos, construindo suas próprias concepções a respeito do mundo que o cerca.

Na tentativa de entender os anseios dos meus alunos, procurei escutá-los, entendê-los a partir de suas vozes, é aí que a narrativa entra como meio de instrumento da minha pesquisa. Pois, a narrativa tem como principal objetivo descrever fatos, acontecimentos e memórias consideradas relevantes para uma determinada situação e/ou experiência presenciada ou vivida. Através da narrativa podemos eternizar aquilo que nosso cérebro considerou marcante e significativo durante a vivência da experiência. Muitas coisas acontecem no nosso cotidiano em sala de aula, por mais que achemos que todos os dias é a mesma coisa, apenas mais um dia de rotina, mas sempre acontece algo novo, que por vezes passa despercebido aos nossos olhares.

Portanto, é imprescindível que o professor esteja sempre atento ao que acontece no cotidiano da escola e da sua sala de aula. Às vezes são nos simples acontecimentos como as conversas e trocas de experiências, saberes e até desabafos da realidade de vida dos alunos, algo que é muito corriqueiro na sala de aula da EJA, que acontecem as experiências mais significantes e que com certeza nos fazem enquanto professores de alunos com experiências tão distintas e ricas de saberes, conhecimentos, crenças e valores refletir sobre nossa prática em sala de aula. Tais experiências, também, ajudam muito a entender quais anseios, expectativas e desejos são esperados pelos nossos alunos ajudando-nos assim a compreender melhor o universo de cada um e, conseqüentemente, fazendo-nos voltar nosso olhar para o ensino-aprendizagem considerando os aspectos sociais, culturais, históricos e econômicos a que nossos alunos estão inseridos ou até mesmo submetidos.

Uma das questões que mais me foi pertinente durante minha experiência como professora da EJA foi a de pensar: será que nós professores realmente estamos prontos para lecionar numa sala de aula tão diversificada e complexa como a da EJA? Será que nossa base teórica nos proporciona condições favoráveis para saber lidar com essa diversidade de mundos diferentes carregados de conhecimentos individuais, particulares e consolidados na imaginação e entendimento de cada um? Não se trata apenas de saber ensinar, mas sim o que ensinar e como ensinar. Como afirma Soares (2008) a precariedade de discussões e propostas de políticas públicas na formação docente da EJA é um desafio a ser superado para que a EJA possa de fato cumprir suas funções essenciais:

Não temos, ainda, diretrizes e políticas públicas específicas para a formação do profissional da EJA. A própria identidade desse educador não está claramente definida, encontra-se em processo de construção. É muito raro um educador que esteja atuando somente na EJA. (SOARES, 2008, p.63).

Podemos afirmar que ainda estamos passando por um processo de construção quando se trata da formação de educadores da EJA. No município de Esperança-PB onde fica localizada a comunidade de Lagoa de Pedra a qual está situada a escola em que tive a oportunidade de ensinar na EJA durante três anos consecutivos, a formação continuada para professores de tal modalidade dava-se através de encontros semestrais e/ou anuais. Em tais formações recebíamos instruções de como proceder e planejar os conteúdos e atividades a serem trabalhadas na sala de aula. Nas referidas formações, por vezes era mencionada a importância de se trabalhar baseado na realidade de vida dos alunos, pensando o aluno da EJA como alguém atuante nessa sociedade tida como moderna, letrada e intelectual. Porém, nem sempre o professor está preparado para assumir tal papel. Vivenciei o desafio de ser professora na EJA durante dois anos, tal experiência será discutida a seguir.

### **3.1. SER PROFESSORA NA EJA: reflexões sobre a prática**

Conforme já afirmado anteriormente, trabalhar com a EJA ainda é um grande desafio, requer do educador estratégias e metodologias que abranjam a realidade e interesses dos educandos. É preciso reconhecer as necessidades e carências dos alunos que retornam à escola em busca de uma melhor qualificação profissional, de uma oportunidade para se sentir inserido na sociedade letrada, de aprender assinar o nome pra não passar por constrangimentos em público ou até mesmo aqueles que afirmam está indo á escola para passar o tempo, como uma forma de distração e entretenimento. Partindo da compreensão da diversidade de sujeitos da EJA, sempre busquei escutar as vozes dos meus alunos buscando entender quais eram seus anseios e desejos de aprendizados.

Trata-se de uma tarefa um tanto complexa, pois são várias cabeças pensantes que trazem consigo experiências de vida e perspectivas diferentes, enquanto uns estão na sala de aula com o interesse de se aperfeiçoar na escrita e leitura para então poder melhor se qualificar e aprimorar os estudos, outros estão ali pelo simples fato de não mais aceitar “colocar o dedo” termo esse utilizado por eles para descrever quando é

preciso colocar a digital ao invés da assinatura propriamente dita e/ou para passar o tempo. A princípio, um grande desafio que encontrei foi que definir quais os conteúdos a serem trabalhados, que metodologia usaria para administrar minhas aulas e finalmente como planejar as aulas.

O governo federal juntamente com a secretária do município disponibilizava material didático como livros, cadernos, lápis, borracha, cola, folhas diversas etc. Nós professores participávamos de planejamentos que aconteciam mensalmente, de encontros pedagógicos que aconteciam por semestre e também de treinamentos que eram realizados no início do ano letivo. Todos esses encontros têm sua importância e contribuição para nossa dia a dia na sala de aula, porém, sabemos que cada sala de aula é uma realidade como já foi dito, portanto, é preciso aperfeiçoar e trazer para a realidade dos nossos alunos o que nos é passado nos encontros pedagógicos, nos planejamentos e nos treinamentos.

Pensar em um currículo para a EJA ainda é um grande desafio que requer muitas discussões acerca do que abordar como conteúdos para trabalhar com uma turma tão diversa. Neste sentido, é importante compreender que se faz necessário pensar sobre a organização do tempo curricular da EJA, visto que nesta modalidade, conforme afirma Sérgio (2008) a organização do tempo curricular para jovens e adultos exige,

Um conjunto de atividades e experiências das mais diversas ordens, bem como, disciplinas ensinadas de uma determinada forma, que possa considerar as histórias de vida desses indivíduos, atendendo suas necessidades e, sobretudo, oportunizando a apropriação da leitura e da escrita, bem como de outros conhecimentos que lhes dêem autonomia favorecendo o resgate da sua identidade enquanto cidadão e cidadã (SÉRGIO, 2008, p. 04).

Tal aspecto remete a necessidade imperativa de nas práticas de EJA acatar a heterogeneidade nos modos de aprender, como também se torna necessário considerar a importância de estar atento aos desejos e sonhos daqueles que retornam para a escola, pois, sabemos que as expectativas de aprendizagem dos alunos jovens e adultos estão diretamente relacionadas às necessidades do cotidiano, tornando imperativo o conhecimento da realidade dos alunos de modo a ajudar a definir o currículo a ser trabalhado na EJA. Para Soares, “o conhecimento que se vai tendo dessa realidade subsidia o repensar do currículo, uma das possibilidades de concretização dessas

necessidades, exigências, interesses, expectativas e desejos no cotidiano das experiências de EJA” (2001, p. 216).

Ao perguntar aos meus alunos o que gostariam de aprender, a resposta já era certa e espontaneamente em maior parte eles respondiam: “aprender a ler e escrever”. Porém, como educadora, entendo que não basta apenas ler e escrever, é preciso apropriar-se da leitura e da escrita, trabalhando com a perspectiva de explorar sua função social, especialmente no mundo do trabalho. Dai mais uma vez retomo minha fala a respeito da importância de conhecer o aluno, sua realidade, suas experiências e seus conhecimentos culturais. Depois de conhecer um pouco sobre as motivações dos meus alunos procurei pensar numa maneira de trabalhar os conteúdos de forma que fizesse uma ligação entre as questões do cotidiano deles e o aprendizado da leitura e da escrita propriamente dita, sempre respeitando o tempo de aprendizagem de cada um. Busquei elementos, fatos e acontecimentos do cotidiano dos mesmos e assim levava em forma de conteúdo para a sala de aula com atividades diferenciadas respeitando o nível de escolaridade.

Durante os três anos de atuação na EJA, apesar da exigência de que as turmas tivessem em torno de 25 alunos, no geral, estas eram formadas por mais ou menos 15 alunos, dos quais, a maioria era mulheres jovens agricultoras, casadas e com filhos, uma pequena parte era idosa, casadas, mães de família e aposentadas. Os homens eram minoria nas turmas durante os três anos que lecionei. A idade variava entre 25 a 65 anos. No que se refere a condição de letramento, as pessoas mais jovens sabiam ler e escrever de forma rudimentar, pois já haviam frequentado a escola anteriormente. As pessoas mais idosas que nunca tinham frequentado a escola sabiam apenas grafar seu nome próprio. Buscava trabalhar numa perspectiva de alfabetizar letrando por acreditar que o letramento está ligado aos usos e às práticas de leitura e de escrita, fazendo-se necessário oportunizar situações que envolvessem práticas de leitura e escrita.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência como professora na EJA vivenciada durante três anos me fez perceber como atuar na EJA é um grande desafio, pois em geral, além dos problemas e dificuldades inerentes a essa modalidade de ensino, como: falta de propostas pedagógicas e curricular clara, falta de continuidade das ações educativas, falta de

formação específica para o professor que atua na EJA, tanto a inicial, quanto a continuada, há também o desafio de desenvolver ações educativas que não apenas motivem os alunos a frequentar as aulas sistematicamente, mas também fazer com que esses sujeitos que voltam a escola, de fato aprendam. Assim, um dos maiores aprendizados adquiridos durante os três anos de experiência foi o de que é fundamental conhecermos quem são os sujeitos da EJA, porque não estudaram quando crianças, quais as motivações centrais que impulsionaram o retorno à escola, como veem a escola, entre outros aspectos. Tais aspectos são fundamentais para a realização de uma prática pedagógica que de fato possa contribuir para o aprendizado dos alunos e alunas da EJA.

É fundamental que as experiências e os programas de EJA sejam organizados a partir do que é demandado da realidade dos alunos e que o currículo seja estruturado tendo como referencial uma concepção crítica e humanizadora do conhecimento, que respeite as especificidades e peculiaridades dos jovens, adultos e idosos, pois, uma educação de qualidade e uma escola organizada para os interesses das classes menos favorecidas, possibilitará uma apropriação de conhecimentos, entre eles, a leitura e a escrita, sendo essas condições básicas indispensáveis para algumas garantias, como: o resgate da autoestima, a possibilidade de que os sujeitos a partir do domínio da leitura e da escrita possam exercitar melhor sua autonomia dentro do contexto de uma sociedade letrada, a possibilidade de melhorar o nível de aprendizado e de escolaridade contribuindo para inserção no mercado de trabalho, entre outros.

Tais aspectos exigem pensar o currículo para EJA de forma flexível, diversificada e participativa, pensado e definido a partir das necessidades e dos interesses dos alunos, levando-se em consideração sua realidade sociocultural, e reconhecer o seu saber como algo fundamental e indispensável, visando uma melhoria qualitativa e quantitativa na permanência desses jovens, adultos na escola e, conseqüentemente no processo ensino-aprendizagem.

## **ABSTRACT**

Considering the specificities and diversities of the subjects / students of the EJA is of fundamental importance to think about curricular proposals for the EJA, as well as for the initial and continuous formation of teachers who act or will act in this modality of teaching. Starting from this problematic mentioned above, and especially from my

experience in the EJA, I seek in the present work to reflect on the challenges of being a teacher in this teaching modality, as well as the importance of thinking about the specificity of the EJA curriculum and thinking processes for teachers working in this teaching modality. In order to justify the work, I sought a theoretical contribution from authors who discuss the theme as: Freire (1994, 2000), Di Pierro and Galvão (2012), Paiva (1997), Oliveira (2007) and Soares (2002). This work helped me to reflect on what my experience as a teacher in the EJA was, as well as on the challenges faced by teachers working in this type of teaching in their pedagogical practices.

**Key words:** Youth and Adult Education. Specificities of EJA. Teacher Training.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n. 11, de 7 de julho de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, 2000 (p.28).

CARMO, Gerson Tavares do. REIS, Dyane Brito. MANGUEIRA, Georgia. Educação de Jovens e Adultos na contramão da evasão: o enigma da permanência escolar. In: **Revista Cátedra Digital**, n. 3, Educação de Jovens e Adultos. (ISSN 25257110). Disponível em: <http://revista.catedra.puc-rio.br>

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Loyola, 1994.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

JACQUES, Izabel Cristina M. CASAGRANDE, Samira. Analfabeto e preconceito: uma relação velada na sociedade. In: **Saberes Pedagógicos/Revista do Curso de Pedagogia**, v. 1, nº2. Criciúma,SC: UNESC, julho/dezembro 2017.

LOPES, Maria Gorete Rodrigues de Amorim. **A especificidade do trabalho do professor da educação de jovens e adultos**. Maceió: UFAL, 2005. (Dissertação de Mestrado).

MOREIRA, A. Multiculturalismo, currículo e formação de professores. In: MOREIRA, A.F.B.(Org.). **Currículo: políticas e práticas**. 2. Ed. Campinas: Papirus, 1999.

OLIVEIRA, I.B. Pensando currículo na Educação de Jovens e Adultos. In: PAIVA, J.; OLIVEIRA, I.B. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. In: **Educar**, n.29, Curitiba: Editora UFPR, 2007.

SÉRGIO, Maria Cândida. A organização do tempo curricular na prática pedagógica da educação de jovens e adultos (EJA). In: **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 3, n. 2, junho de 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

SILVA, Analise. Educação de Jovens e Adultos em contexto de retirada de direitos: algumas reflexões e proposições. In: **Revista Cátedra Digital**, n. 3, Educação de Jovens e Adultos. (ISSN 25257110). Disponível em: <http://revista.catedra.puc-rio.br>

SOARES, Leôncio José Gomes. As políticas e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, V. M (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

SOUZA, Thiana do Eirado Sena de. GONÇALVES, M<sup>a</sup> de Passos Brandão. CUNHA JR, Adenilson S. **O processo histórico de consolidação da educação de jovens e adultos: as políticas públicas voltadas para EJA e a luta dos movimentos sociais para a efetivação do direito a educação**. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio26>